

O SAL DA TERRA – UMA MILITÂNCIA SOCIAL ENTRE REFLEXOS E REFLEXÕES

Tom Valença (Wilton Valença da Silva Junior)¹

Resumo: Esse artigo aborda as possibilidades de utilização de debates acadêmicos sobre o documentário O Sal da Terra como ferramenta crítica para a compreensão e intervenções em problemas ligados às políticas públicas e de exclusão social de acordo com alguns referenciais das disciplinas Psicologia Social e Contextos culturais e processos de exclusão. Os debates ocorreram durante o Cine Diálogo 2015 e em sala de aula, tanto antes quanto depois do rompimento da barragem em Mariana (MG) em novembro de 2015.

Palavras-chave: Militância, fotografia, documentário, políticas públicas.

Abstract: This paper takes a look over the possibility of the use of the documentary The Salt of the Earth as a tool to analyse some current social problems connected to public policies. The matter is into the field of Social Psychology as a college course. The debates occurred during the Cine Dialog 2015 project and during psychology classes, before and after the ecological disaster in Mariana, Minas Gerais, Brazil, in November of 2015.

Key words: militancy, photograph, documentary, public policies.

¹ Tom Valença é graduado em Psicologia (UFBA) com Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais (UFBA). Na Unijorge, é docente das disciplinas Psicologia Social I e II, Contextos culturais e processos de exclusão, Dependência Química – Aspectos psicossociais e orientador de estágio básico no curso de Psicologia. Também leciona Antropologia e Ética no curso de Comunicação Social, além de atuar na Pós-graduação ministrando a disciplina Territórios, Identidades e Alteridade no curso de especialização Estudos Culturais, História e Linguagens.

INTRODUÇÃO

O Sal da Terra é antes de tudo um olhar sobre um olhar. Um olhar cinematográfico sobre o olhar da fotografia, ou mais precisamente, de um fotógrafo². A obra é um registro que captura o processo de transformação do militante de esquerda, Sebastião, em um ambientalista, Sebastião Salgado, que assume sua câmera como uma arma geradora de transformações sociais. O documentário também ressalta que Salgado trocou uma promissora carreira como economista na Europa por uma errante carreira como fotógrafo, tendo que sustentar sua família longe de sua pátria, de sua aparente zona de conforto. As imagens fílmicas apontam que esse ambientalista assumiu o papel de um revolucionário Pós-Moderno que, no limite das negociações possíveis utiliza a Companhia *Vale* como financiadora de seu projeto mais ambicioso, o *Genesis*, que tem por objetivo revitalizar o entorno de boa parte do Rio Doce, degradado ao longo dos anos pelo processo de agricultura intensiva.

Sendo um dos focos do olhar do documentário, essa transição de uma postura de militante de esquerda que parte para o autoexílio na França na virada dos anos 60/70 e que, aos poucos, vai se transformando em um ativista com uma postura liberal que viaja pelo mundo usando seu olhar para gerar justiça social, incomoda a plateia e muito. Incomoda por ser um olhar em preto e branco, incomoda tanto pelo seu ritmo lento quanto pela sua duração de 110 minutos, pelo denso teor de muitas das imagens registradas, assim como também incomoda pelo arranjo familiar que o protagonista estabelece com sua esposa e filhos, principalmente o mais jovem, Rodrigo, que, portador da *Síndrome de Down*, carece de cuidados especiais. Não por acaso, é seu filho mais velho, Juliano, que, na condição de codiretor, constrói um olhar fílmico que “humaniza” o pai ao mesmo tempo em que o coloca num patamar de quase imortalidade. Também, não por acaso, Sebastião voltou ao Brasil depois de muito tempo, para cuidar do pai em idade avançada, e a partir desse retorno ele focou seu olhar na fotografia ambiental.

Aprofundando esse sentido, o documentário projeta um olhar sobre questões políticas – ambientais e econômicas – assim como sobre questões que abarcam o interacionismo social entre o fotógrafo, seus fotografados e o meio ambiente que os circunda. Os desdobramentos dessa narrativa favorecem que o olhar do espectador sobre o humano seja depurado a partir de um ponto de vista que pode gerar desconforto para muitos – uma leitura superficial pode abraçar a ideia da espetacularização da violência, e muitos estudantes se queixaram disso, ainda durante a exibição do filme, principalmente quanto às imagens feitas na Sérvia, no Congo e em Ruanda. Curiosamente, esses mesmos estudantes apreciam filmes como *Jogos Vorazes* e sagas de super-heróis, como puderam declarar posteriormente, em sala de aula, ficções nas quais a violência é a tônica central. “Mas isso é ficção!”, disseram alguns. E essa fala repetida deixou claro que muitos só conseguem tolerar a violência na modalidade de ficção, enquanto o cotidiano está cheio de violência física e simbólica.

Nesse ponto do debate, foi posto que fechar os olhos para a violência cotidiana (a violência exposta no documentário e qualquer outra para além do documentário) é alienar-se da realidade, ao invés de buscar

² Esse documentário recebeu o prêmio especial do júri da seção *Un certain Regard* do Festival de Cannes assim como uma indicação ao Oscar de melhor documentário do ano de 2015.

sua superação. E pondo o excesso de emotividade em xeque, o ponto nevrálgico é que o documentário não espetaculariza essa violência que vitimiza populações vulneráveis, seja por doença, fome ou guerra. O sal da Terra mostra a violência sem filtros suavizantes para que possamos desalienarmo-nos das amarras de um modelo de globalização que só enxerga produtos, negando a percepção de seus meios de produção. Não deixa de ser sintomático da nossa dificuldade para lidar com a violência cotidiana que o documentário com imagens em preto e branco sequer apela para o vermelho do sangue (ou para o próprio sangue) como recurso de espetacularização, mas mesmo assim alguns espectadores ficaram chocados com tal “espetáculo”.

Como tarefa didática, foi indicado que os estudantes fizessem uma conexão entre o documentário e as atividades relacionadas às disciplinas, *Psicologia social e Contextos culturais e processos de exclusão*. As imagens dos poços de petróleo em chama no Kuwait assim como dos refugiados em busca de abrigo em países africanos ampliaram a percepção da exclusão social no contexto global, que, no Brasil, já foi fortemente marcada pela fome e pela ausência de instituições de ensino superior, e hoje tem seu foco no extermínio de jovens negros do gênero masculino habitantes das periferias, de homossexuais e transexuais, além da precarização nas relações de trabalho, via terceirização. Ampliando o campo de debate, alguns meses após o Cine Diálogo aconteceu o desastre ecológico em Mariana³ e as discussões sobre a relação entre Salgado e a companhia *Vale S.A.* voltaram à sala de aula.

Um dos pontos ressaltados em sala foi que a Antropologia Visual⁴ é a ferramenta ideal para poder possibilitar uma imersão em contextos de exclusão como os de Serra Pelada, Ruanda, Etiópia, Mali, Kuwait e Equador. Nessa imersão, foi possível constatar as modalidades de dominação e alienação que caracterizam alguns modelos de capitalismo diferentes do modelo da cultura de consumo dominante, mas que, devido a relação verticalizada e opressora, produz efeitos de exclusão muito próximos aos que são estudados ao longo dos cursos em questão quando observamos as políticas públicas e sociais vigentes no Brasil, seja na relação entre os humanos e a Natureza, seja na relação entre os humanos e suas sociedades. Esse olhar sobre um quadro panorâmico mundial permitiu ir além da relativização do nosso contexto imediato, gerando uma compreensão mais ampla da globalização e de suas consequências.

Se durante o debate do Cine Diálogo um dos tópicos mais contemplados pelos estudantes foi à relação entre Salgado e sua família, vale a pena nos debruçarmos sobre esse ponto. O que é possível visualizar, tendo como referência o olhar do documentário, é que a natureza do trabalho de Salgado, em sintonia com sua metodologia etnográfica, demanda que ele enquanto sujeito físico esteja imerso em outras culturas, em meio a outros recortes populacionais que não o seu recorte nativo, durante meses, às vezes temporadas anuais. Uma das reflexões do codiretor Juliano Salgado, sobre seu vínculo com o protagonista

³ Em 5 de novembro de 2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km do centro do município de Mariana, Minas Gerais. Trata-se de uma barragem de rejeitos de mineração controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton. O rompimento da barragem foi considerado a maior catástrofe ambiental da história brasileira e a maior do mundo envolvendo barragens de rejeito. A lama chegou ao Rio Doce, cuja bacia hidrográfica abrange 230 municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, muitos dos quais abastecem sua população com a água do rio. Ambientalistas consideraram que o efeito dos rejeitos no mar continuará por pelo menos 100 anos, mas não houve uma avaliação completa de todos os danos causados. Segundo a prefeitura do município de Mariana, a reparação dos danos causados à infraestrutura local deverá custar cerca de 100 milhões de reais.

⁴ O documentário é um registro típico dessa modalidade antropológica na qual é feito um recorte etnográfico através do registro visual. Essa metodologia implica em que o investigador realize uma imersão espaço-temporal em uma cultura estranha a sua cultura de origem, e efetue registros por intermédio de fotografia e/ou filmagem.

Sebastião, clarifica como a feitura da filmagem aproximou-o de seu pai. Juliano afirma que o momento decisivo na configuração desse vínculo aconteceu quando ele convidou o cineasta Wim Wenders para codirigir *O sal da terra*:

A presença dele acabou sendo decisiva para que eu redescobrisse meu pai. Wenders filmou numa sala escura o Tião contando as histórias por detrás das fotos de diferentes fases de sua produção. Diante da câmera, ele relatou suas viagens, tudo de mais bonito e terrível que ele fotografou e testemunhou durante seus 40 anos de carreira. Aquilo me tocou de um jeito muito forte, era a primeira vez que eu o via através do olhar de outra pessoa. De repente, ganhei uma percepção que nunca tinha tido. Algo mudou em mim. Quando me reencontrei com Tião em Paris, de uma hora para outra percebi que tínhamos virado amigos. Havia acabado meu receio daquela aproximação, que talvez decorresse do fato de ele ter sido tão ausente em momentos importantes da família. Ao ver aquele depoimento, enfim, assimilei como é importante o trabalho dele. Acabei aceitando suas ausências. A partir desse ponto nossa relação mudou completamente. (GARCIA, 2015).

Essa fala de Juliano Salgado respondeu algumas perguntas que se repetiram após a sessão e em sala de aula. Como era possível Salgado ficar tanto tempo separado da família sem gerar sofrimento? Esse tipo de trabalho solitário não sacrifica o vínculo familiar? Vale a pena tamanho sacrifício para fotografar pessoas desconhecidas? “A gente acha que as distâncias no planeta são gigantescas, mas elas são muito menores do que se imagina. Tião ajudou a desbravar esses atalhos, e pude me certificar de como ele se sente próximo das pessoas que fotografa.” (GARCIA, 2015). E através dessa percepção Juliano sentiu que estava muito mais próximo de seu pai do que os distantes cenários fotografados poderiam sugerir.

Um dos alunos insistiu bastante nessa questão familiar durante o debate, a ponto de que, quando o assunto foi abordado em aula, alguns lançaram um olhar negativo sobre o método de trabalho de Salgado. Tanto no debate quanto na discussão em sala de aula foi necessário projetar um olhar sobre a questão por outro ângulo, distinto do senso comum. Mesmo numa cultura intensamente atravessada pela midiatização é preciso muita coragem e firmeza de propósito para expor sua família diante do olhar de diferentes espectadores, às vezes sedentos por sensacionalismo. Além disso, aquela família exibida na tela não era necessariamente uma família disfuncional, mas uma família que construiu (dentro do possível de ser hermeneuticamente assimilado durante as quase duas horas de projeção do documentário) um outro arranjo em relação ao vínculo físico, presencial, arranjo que possibilitou sustentar inclusive o aspecto profissional como constitutivo de seu processo de sustentação amorosa.

Mas não apenas a carreira de Juliano, especificamente nessa produção, passa por essa reflexão. A trajetória da esposa de Sebastião, Lélia, está ligada à obra de Salgado enquanto secretária e produtora dos projetos e mesmo dos “desejos” do marido em todo seu percurso. Dificilmente Sebastião teria conseguido realizar seu trabalho sem alguém que organizasse sua produção, viabilizando os contatos e articulações entre patrocínios e divulgação e mais! Lélia, além de ter-lhe dado apoio moral para encarar suas missões solitárias muitas vezes foi quem disse o que ele deveria fazer, muito antes dele saber que iria fazê-lo.

Tudo o que diz respeito ao trabalho do fotógrafo passa pelo crivo de Lélia. Mas, aí de quem ousar descrevê-la como ‘a grande mulher por trás do grande homem’. Ela reage: “Eu não ando atrás de ninguém, ando ao lado”, diz. (SGANZERLA, 2014).

Como já foi apontado, outro aspecto central é a relação da obra e dos espectadores com a violência. Intencionalmente, sentei no meio da plateia durante as duas sessões para poder perceber suas reações mais imediatas. Foram feitos comentários de que um filme como esse não deveria ser exibido, era muito triste expor as pessoas àquele sofrimento. A violência retratada nas imagens não chocou apenas alguns estudantes. Também chamou a atenção escutar uma psicóloga que não conhecia a obra de Salgado dizer que iria levar algumas imagens do filme para trabalhar a dor enquanto tema, em aulas, mas o que ficou evidente foi que ela em si estava muito tocada pelas imagens e estava tendo dificuldade para elaborar a própria dor. O próprio Salgado foi atingido pelo processo da violência que registrou. Em Ruanda, ao fotografar o cenário de um genocídio, o fotógrafo sucumbiu à depressão e foi preciso retornar ao Brasil em busca de uma espécie de “cura” por distanciamento. Não há como negar que o sofrimento quando vivenciado de perto pode ser psicologicamente contagioso.

No Cine Diálogo, outro ponto levantado calorosamente por dois dos debatedores foi o comprometimento de Salgado com a companhia de mineração *Vale S.A.*. Um deles foi categórico ao afirmar que se Salgado era patrocinado pela poderosa companhia ele havia se vendido ao capitalismo e estava a serviço desse. Do mesmo modo, afirmou que o fotógrafo enriqueceu rapidamente graças ao valor alto dos seus livros que por esse aspecto não eram populares. Essa fala causou certo mal-estar entre os presentes. Na contra argumentação, foi dito que essa era uma leitura precipitada e defasada das relações comerciais de poder dentro de um contexto liberal – que é diferente de um contexto Neoliberal – pois acreditar ser possível configurar mudanças sem a presença do capital é algo demasiadamente ingênuo.

O *Instituto Terra*, uma ONG criada pelo fotógrafo, tem programas patrocinados pela *Vale S.A.* e, durante um bom período, foi um negócio visivelmente benéfico para ambos os lados. A companhia *Vale S.A.* manteve assim sua imagem em alta ao prestar serviços com finalidades socioculturais politicamente corretas e o *Instituto Terra* enquanto representante de demandas legítimas da sociedade obteve recursos para executar obras de recuperação do entorno do Rio Doce estabelecendo assim um diálogo construtivo entre as partes. O debate com os estudantes sobre essa relação institucional cresceu no sentido de definir mais claramente quais os limites do capitalismo no mundo contemporâneo, pois seria impreciso apontar que se Sebastião foi um militante de esquerda na juventude, sua única opção na maturidade seria negar as possibilidades de diálogo com o suposto “inimigo”, o Capital.

A defasada noção política de que devemos ter por inimigo quem tem interesses concorrentes com os nossos, está sendo cara para os jovens discentes. No contexto acadêmico da Psicologia, testemunhamos, em certos casos, teorias psicológicas aparentemente divergentes sendo configuradas como rivais e em disputa, chegando ao ponto de inviabilizar o diálogo entre estudantes que ainda estão em formação. Levando em conta essas polarizações excludentes tanto no debate quanto posteriormente, em sala de aula, foi assinalado para os presentes que o estreitamento de laços entre Salgado e a *Vale S.A.* era uma

tentativa, em um contexto macroeconômico e político, de superação desses limites rudimentares e empobrecedores das interações sociais que tendem a enxergar no diferente, um inimigo mortal.

E como se dão essas relações nas salas e espaços de convivências de uma instituição universitária? Não há como não reproduzir em escala micro o que acontece em escala macro. Alguns estudantes pontuaram que é perceptível que certos colegas não estão dispostos a dialogar quando os demarcadores de classe e religiosos (principalmente, mas não apenas) se mostram presentes, como por exemplo, ser um aluno que utiliza ou não, o FIES. Alguns gostam de Rock, outros de Sertanejo Universitário ou Pagode, alguns comungam valores religiosos que não toleram outras abordagens religiosas, e esses pontos acabam impedindo que vínculos que potencializem a produção acadêmica por interação se concretizem. A consequência acaba sendo uma produção acadêmica que poderia ser mais rica pela troca de informações entre os diferentes acabar sendo limitada pela mera competição de valores culturais enquanto indicadores de status.

Nesse sentido, vale apontar que a importância da relação de Salgado com a *Vale S.A.* é exemplar, com todos os erros que possam vir a acontecer, pois sem um diálogo que favoreça os interesses de ambas as partes iremos apenas perpetuar a intolerância e desse modo sempre os mais vulneráveis (nesse caso, o ambiente sociocultural em torno do Rio Doce) continuará em desvantagem. Aqui é importantíssimo salientar as palavras de Salgado que desoneram a mineração do problema ecológico inicial, pois até então (até antes da catástrofe) o problema estava relacionado à agricultura:

[...] é pela agricultura intensiva. A mineração fica na parte alta do vale e talvez só atinja 5% da superfície do rio. Estou falando do comportamento que levou à degradação da bacia inteira, de toda a população rural do Rio Doce. Não podemos de forma alguma acusar as mineradoras por isso (GRILLO, 2015).

CONCLUSÃO

Se os debatedores prioritariamente enxergaram na relação entre o fotógrafo e a *Vale S.A.* uma cooptação ou uma quebra de compromisso com o social em função do poder do dinheiro, deve-se ficar atento para os próximos capítulos dessa relação. Logo após o rompimento da barragem em Mariana, Salgado foi acusado nas redes sociais de ser garoto propaganda da *Vale S.A.*, uma das donas da *Samarco* - diretamente responsável pela administração das barragens de rejeitos de mineração. Imediatamente, Salgado se dispôs a intermediar a negociação entre a companhia e a sociedade civil, usando seu prestígio para atuar como redutor dos danos causados nesse desastre ecológico de proporções ainda desconhecidas. Cinco meses após o citado desastre as mediadas tomadas pelas autoridades competentes ainda são insuficientes para remediar a situação, mas seria injusto creditar a Salgado à responsabilidade pelo impasse⁵.

Os reflexos e reflexões relacionadas à sua militância nesse caso e nos registros que foram retratados no documentário *O sal da Terra* geraram um material de trabalho acadêmico que fez com que muitos alunos percebessem que nossa responsabilidade enquanto sujeitos sociais abraça várias formas de investimento e

⁵ No dia 23/02/16 a Polícia Civil pediu a prisão do presidente licenciado e de outros seis funcionários da *Samarco*.

resolutividade de acordo com nosso potencial para gerar políticas sociais que possam vir a ser perspectivadas como futuras políticas públicas. O trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado mostrou que um olhar sobre aspectos pouco visíveis da realidade pode ter o poder de transformação que muitas armas bélicas não possuem. O poder de despertar nas pessoas, a paixão pela mudança crítica, e pelo outro enquanto diferente que dependendo da interação que estabelecemos, que pode vir a ser resgatado de sua condição de vulnerabilidade social.

Desse modo, os aspectos teóricos trabalhados em sala de aula encontraram uma possibilidade concreta para eticamente buscar a viabilização da Psicologia Social no que se refere à melhoria da qualidade de vida nos contextos culturais e processos de exclusão. Os estudantes conseguiram, em grande medida, assimilar que lutar por questões sociais, demanda como requisito disparador, a necessidade de construir outros olhares sobre problemáticas sociais, sejam elas os arranjos familiares ou as violências simbólica e física presentes no cotidiano, desnaturalizando olhares predeterminados pelo *status quo*. Eis o sal da Terra!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GARCIA, Sergio. Filho de Sebastião Salgado conta como o filme “O sal da terra” o reaproximou do pai. In: Epocaonline, 16/04/15. Disponível em :<<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/04/filho-de-sebastiao-salgado-conta-como-o-filme-sal-da-terra-o-reaproximou-do-pai.html>>

GRILLO, Cristina. Sebastião Salgado: ‘Essas empresas primam pela preocupação ecológica’, In: Epocaonline, 24/11/2015. Disponível em:< <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/11/sebastiao-salgado-essas-empresas-primam-pela-preocupacao-ecologica.html>>

SGANZERLA, Carol. “Eu não ando atrás de ninguém”, afirma mulher de Salgado. In: MarieClaireonline, 30/03/14. Disponível em:< <http://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2014/03/eu-nao-ando-atras-de-ninguem-afirma-mulher-de-sebastiao-salgado.html>>